

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS NO PENSAMENTO DE FOUCAULT

Pedro Claudemir da Cruz Costa
Universidade Estadual da Paraíba
pedroclaudemirdacruzcosta@bol.com.br

1 INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de libertação do aluno, do seu desenvolvimento crítico e humano, de torná-lo um cidadão comprometido com causas sociais, desviou-se do seu caminho. Enquanto o social-liberalismo¹ pretendia desenvolver uma educação universal e voltada para a cidadania crítica, ocorreu que conjecturas propostas por organismos internacionais (BM, DID, FMI, OMC e UNESCO) desencadearam um modelo de educação voltado para o mercado (LIBÂNEO, 2007). A escola deixa de ser formadora de consciências para tornar-se fábrica de mão de obra para o mercado de trabalho.

Michel Foucault, ao fazer o estudo que ele denomina de **genealogia**, utilizou um instrumento metodológico que buscava a vinculação de saberes e de memórias, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e sua utilização nas táticas atuais. Assim, na medida em que as políticas educacionais neoliberais foram fomentando uma escola distante dos ideais do social-liberalismo, foi adotando também instrumentos para disciplinar o aluno. Desse modo, na medida em que ela disciplina o aluno, o priva de desenvolver sua subjetividade, sua consciência e sua capacidade crítica (VEIGA-NETO, 2011).

A partir desses pontos, foi pesquisado como a influência de organismos como o BM, o DID, o FMI, a OMC e a UNESCO nas diretrizes educacionais brasileiras coincidiu com o que Foucault designou por **instituição de controle**. E desse modo, o objetivo da pesquisa mostrar que a relação de poder desenvolvida na escola – e que é influenciada por organismos internacionais – disciplina o aluno para o

¹ O social-liberalismo, segundo LIBÂNEO (2007), teve sua origem no ideal de isonomia dos gregos, no Iluminismo, no pensamento de Rousseau e na Revolução Francesa. Efetivou-se do final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1970 em decorrência do fordismo e keynesianismo. E tinha o propósito de formar uma sociedade democrática, moderna e científica que proveria os cidadãos de segurança, liberdade e igualdade. Para alcançar tal meta se valeria de um sistema educacional universal que trabalharia nos sujeitos as condições de instituição dessa sociedade. No entanto, com a ascensão do neoliberalismo, houve uma desvalorização do mesmo devido a grande disseminação de valores que postulam que o social-liberalismo pouco contribuiu para o desenvolvimento econômico e, na educação, não teve qualidade devido a grande evasão e baixas taxas de aprovação.

mercado, se ausentando do desenvolvimento subjetivo do aluno. Como objetivo secundário, decorrente do primeiro, apontaremos os meios de despertar no aluno uma capacidade crítica capaz de fazê-lo agir na sociedade, o que Foucault conceitua como **cuidado de si**, estabelecendo oposição contra o poder, que nesse caso favorece o mercado.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Alcantil, no Cariri paraibano, comparando o pensamento de Michel Foucault nas obras *Vigiar e punir* e *Microfísica do poder* e as outras referências bibliográficas e as observações realizadas nas aulas, em especial, de filosofia. Conferindo a literatura trabalhada, desenvolveu-se, em caráter exploratório e utilizando-se de conceitos foucaultianos, teoria de como de modo a escola se tornou uma instituição de controle não comprometida em desenvolver a subjetividade do aluno, a partir das políticas educacionais neoliberais fomentadas por organismos internacionais. E, assim, estabelecer uma hipótese e os aspectos que contribuem para que a escola se efetive como instituição comprometida em desenvolver o senso crítico do aluno..

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Michel Foucault, ao fazer suas análises sobre o poder, conclui que ele em si não existe. O que existem são práticas e relações de poder que podem ser observadas nas mais variadas práticas sociais. O poder está disseminado em toda a sociedade, em meio às relações de forças, sendo formado de diversas maneiras. No entanto, o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, mas é o nome dado a uma situação estratégica na sociedade (FOUCAULT, 2008).

Para Foucault o poder provoca a exclusão e a repreensão dos indivíduos, e esse constitui seu aspecto negativo. Entretanto, os que estão sujeitos ao poder estabelecem outra relação de poder, resistem a esse poder para produzir novos saberes (VEIGA-NETO, 2011). Assim, ele apresenta como se dá o aspecto positivo da relação de poder: o de ser produtivo. Contudo, a escola enquanto instituição de controle mantém suas estruturas apenas para disciplinar o aluno. Não favorece

meios suficientemente claros para que ele possa desenvolver sua capacidade crítica e produzir novos saberes, numa oposição ao poder, na criação de outro poder.

Assim, percebe-se que o aluno, em especial do ensino médio, vai tendo cada vez mais convicção que seu objetivo é concluir a educação básica e ter bons conhecimentos para ter êxito nos vestibulares. O aluno tem pouco interesse pelo que acontece no campo social, político, econômico, porém centram-se em ficarem preparados para os exames de admissão das universidades (LIBÂNEO, 2007). Isto decorre do fato das políticas educacionais incentivarem a preparação para o mercado de trabalho. E dessa relação de poder da escola surge também a individualidade. Assim, a disciplina vem a ser “a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2008, p.143).

Outro fator que agrava a situação é que há professores indispostos a enfrentar o problema e lecionam somente o que o programa apresenta e, muitas vezes, de qualquer maneira, sem preocupação com a aprendizagem dos alunos.

Pode-se entender que isto ocorre, uma vez que os professores foram formados nesse meio educacional e, assim, perpetuam a prática disciplinar o aluno. Assim, a escola enquanto instituição de aprendizado humano converteu-se em uma instituição que não desenvolve a auto-reflexão, o cuidado e a relação ética que o aluno deve ter. Ela tornou-se disciplinadora do aluno, ou seja, de como ele deve ser produtivo na sociedade, obedecendo sem questionamentos o que lhe é imposto.

Nesse cenário, disciplinas que favorecem o desenvolvimento subjetivo e crítico do aluno são desvalorizadas, a exemplo de filosofia e sociologia. Os planos educacionais priorizam as disciplinas que formam um aluno apto ao mercado (LIBÂNEO, 2007). Dessa maneira, dificilmente há discussões sobre temas importantes à sociedade, como a política e a economia. Todas essas práticas disciplinam o aluno para o mercado, mas não o prepara para refletir sobre os problemas da sociedade. Não há outra relação de poder e, portanto não se produzem novos saberes que determine o processo histórico da sociedade (VEIGANETO, 2011). E, desse modo, os problemas sociais aumentam e a escola cada vez mais avessa a mudanças, de ser um espaço estratégico no desenvolvimento da subjetividade do aluno.

A escola se constituiu como uma instituição disciplinar, pois determina a maneira de pensar e agir do aluno. Seu objetivo é a produção de alunos dóceis,

obedientes, que simplesmente aceitam, sem questionar (VEIGA-NETO, 2011). Nessa realidade complexa, é possível reverter a situação e tornar a escola numa instituição desenvolvedora de subjetividade e preparação para a sociedade?

A princípio, esse trabalho deve ter início na escola. O professor que está em um nível intelectual maior em relação ao aluno, deve ser um organizador e problematizador da realidade e fazer com que o aluno desvele as contradições da sociedade. O trabalho inicial se dá com o próprio aluno que lhe é mais próximo. Isto favorecerá uma futura posição do aluno sobre as relações de saber e poder. A partir disso, professores e alunos, conscientizados, devem lutar por uma escola de qualidade, uma escola que faça do aluno um cidadão crítico e digno do seu papel. E, dessa forma, se mobilizarem por políticas educacionais que edifiquem sujeitos capazes de agir e reverter os problemas (GARCIA, 2002).

E nesse processo todo, o que Foucault desenvolve no seu projeto se faz presente. Desde a resistência ao poder que disciplina, até o rompimento desse poder e a construção de novos saberes. Dessa forma, a pesquisa aponta que a melhoria da educação não está efetivada somente se as diretrizes vierem de “cima”, mas é necessária a ação dos professores e de outros segmentos que estejam dispostos e lutar por uma educação de qualidade, onde o objetivo principal seja formar cidadãos comprometidos em superar as mazelas da sociedade e contribuir para o desenvolvimento da mesma de forma justa e igualitária, sem manifestações de poder que disciplinam e impotencializam o sujeito.

4 CONCLUSÃO

Levantando os dados e comparando-os com o pensamento de Michel Foucault, a pesquisa aponta que devido às relações que o governo brasileiro mantém com organismos como o BM, o DID, o FMI, a OMC e a UNESCO, as diretrizes e planos educacionais foram elaborados para que a escola, enquanto instituição de controle exerça uma relação de poder sobre o aluno para torná-lo capacitado ao mercado de trabalho. Assim, como levantamento do próprio Foucault por meio da genealogia, a escola como a prisão, disciplina o aluno, torna-o dócil, e, portanto, não cumpre o papel de desenvolver a subjetividade e o senso crítico do aluno (FOUCAULT, 1985).

Essa questão é complexa de ser entendida pelo aluno e mesmo por professores. Os primeiros por que desde o início de sua alfabetização ficou envolvido pelos métodos que a escola adotou. Já os segundos pelo mesmo motivo e por que, ainda, desde sua formação acadêmica vivenciaram as práticas disciplinares. Desse modo, torna-se difícil estruturar um modelo de educação que se volte para o desenvolvimento subjetivo do aluno e, ao mesmo tempo, lhe deixe provido de conhecimentos para se estruturar na sociedade.

No entanto, os professores, que estão em um nível intelectual maior do que o do aluno, deve se preparar e enfrentar essa realidade. Na sala de aula se inicia o desenvolvimento subjetivo do aluno e da sua capacidade crítica. Não é necessário seguir a risca o que as diretrizes estipulam, mas ver todo contexto de aplicação da mesma e captar as contradições que ela traz. Com isso, desenvolver um estudo dinâmico, reflexivo e crítico (LIBÂNEO, 2007). E, assim, resolver as realidades complexas da sociedade, produzindo novos saberes.

5 REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e punir**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez, 2007.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.